

# A MULHER DO FUZILEIRO E OUTRAS QUASE HISTÓRIAS, POR ÁLVARO MARINS

## A MULHER DO FUZILEIRO E OUTRAS QUASE HISTÓRIAS, BY ÁLVARO MARINS

VALDEMAR VALENTE JUNIOR\*

A produção ficcional brasileira contemporânea assume uma tendência de afirmação do conceito de hiper-realismo como marca de um tempo de transformações da qual toma parte como elemento significativo. Daí o descompasso do que se consolida como mérito elevado em *A mulher do fuzileiro e outras quase histórias*, de Álvaro Marins, que se afirma a partir de formas e sentidos que se remetem a alguém que, para além da condição de ficcionista, percorre a seara do ensaio literário como analista atento e rigoroso da obra de Machado de Assis e Lima Barreto. Diante disso, os onze contos que constituem esse volume prezam pelo equilíbrio que os caracteriza como conjunto harmônico para o qual não parece haver rivalidade, haja vista a opção deliberada por um estilo que recupera a dicção restrita aos grandes mestres. Neto do caricaturista Seth, de quem herda o nome e o traço elegante, Álvaro Marins coloca-se acima da discussão do que representa a contemporaneidade e a caracterização do que a afasta das marcas de uma tradição já consolidada. Nesse sentido, a narrativa transita por um caminho a que ela própria ajuda a pavimentar, abrindo espaços à afirmação de um método que se impõe a partir do rigor com que a palavra assume seu espaço de atuação de forma definida no contexto do presente.

O lugar inerente ao exercício da narrativa parece sugerir um acerto de contas no que cada história possui, ao rever os temas de uma memória recente, em vista de um passado que logo em seguida recupera o fio da meada, retornando à ação presente. Isso acontece de modo sistemático, na sequência dos contos

---

\* Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

que sugerem à coletânea o subtítulo de “quase histórias”, eufemismo de que o autor se serve para dar ainda mais ênfase à condição essencial de uma matéria prima extraída do cotidiano simples, da vida comum de trabalhadores e donas de casa que se intermediam em idas e vindas, do presente ao passado, ao bairro da Urca, a Chraznów ou à pedra do Arpoador. São os exemplos dos contos “Luzinha”, “Chraznów” e “Lição de geografia”, sendo o último um precioso achado no garimpo da narrativa contemporânea, em meio a tanta bijuteria que se quer fazer passar por joia rara. Nele, verifica-se a intermediação do narrador como alguém que entabula um diálogo com o leitor, nos moldes do que de melhor nos sugere a narrativa machadiana, em clássicos como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, do mesmo modo intercalando lapsos de tempo que induzem à presença do conto como um corpo vivo que necessita de pausas para respirar.

Esse ir e vir no tempo, bem como o recurso de uma voz que assume papel definido dentro do processo diegético prossegue em outros contos, prevalecendo como tecido narrativo o lugar destinado aos seres comuns que momentaneamente se veem trazidos à luz da história por alguém que os eleva a uma posição de relativa importância para em seguida devolvê-los ao espaço da degradação, da morte e da insignificância. São os exemplos dos contos “Cabo Frio”, em que Casemiro termina como um mero desempregado megalômano, “A mulher do fuzileiro”, em que dona Tânia acaba assassinada por Clodoaldo, o marido que sente ciúmes da sedução involuntária que a mulher desperta nos homens, e “Nina”, em que Olivério Rocha, escritor obcecado por textos eróticos, após ser preso por um órgão de repressão da ditadura militar, por supostamente ser um simpatizante do Partido Comunista, chega ao fim da vida com cirrose hepática, na condição de subliterato, autor de contos eróticos publicados pela revista *Ele&Ela*. Esses contos, mais uma vez, decorrem do contato do autor com situações externas que o induzem a trazer para o plano do presente os fragmentos de uma memória que se traduz em material narrativo. No exemplo de “Nina”, Álvaro Marins esclarece, em nota de rodapé, ter sido esse conto resultante do contato com os diários inéditos do poeta Eumir Ribeiro, que lhe chegaram às mãos por intermédio do professor Alberto Pucheu.

A sucessão de narrativas de *A mulher do fuzileiro e outras quase histórias* induz à concepção de um roteiro das ruas e bairros do Rio de Janeiro, a partir de diferentes aulas sobre a geografia da cidade que se repetem, independentemente do

teor de mistério, frustração ou desejo que alguns contos em particular possam vir a suscitar. São os casos de “Um assassino”, “Paula Matos” e “Dona Laurinha”, quando os diferentes caminhos seguidos pelas personagens se coadunam aos diferentes pontos da cidade, sugerindo soluções temáticas inusitadas. Do mesmo modo, as situações adversas presentes como núcleos narrativos nem de longe tangenciam a ideia de uma contemporaneidade marcada pelo estatuto da violência como tábula rasa. Assim, cada um dos contos nos remete a um passado que mesmo por vezes oscilando em sua temporalidade sugere um estado de coisas capaz de fazer com que as personagens e seus dramas pessoais possam pontificar como expressão de uma vocação inata para a superação da dor e da miséria que caracterizam a condição humana em sua manifestação mais abso-  
luta.

Por fim, Álvaro Marins presenteia o leitor com duas preciosidades mais que significativas. Tratam-se dos contos “Aquele menina” e “O macaco”. No primeiro, o narrador é uma mulher que se divide entre o trabalho de corretora de imóveis e o diletantismo de escritora que não torna acessíveis os textos que escreve, desdobrando-se em um processo de efetivação da escrita como exemplo de meta-ficção, na medida em que deixa transparecer de forma clara os meios de que se utiliza na caracterização do universo ficcional que assume como parte da própria vida, sendo suas personagens as pessoas com quem convive cotidianamente. Em seguida, Álvaro Marins consegue conferir o sentido de humanidade a um primata assassinado após envolver-se em um romance com uma mulher casada. Esses dois últimos contos expressam sua extrema capacidade de lidar com a relação de proximidade entre o real e o inusitado, conferindo ao processo narrativo a condição de poder distanciar-se de seu objeto sem que a isso se imponha qualquer possibilidade de dissociação da figura do narrador com relação à matéria narrada.

Por tratar-se de uma obra cujo editor tem por princípio a ampliação da diversidade de expressões que caracteriza a narrativa nos diferentes países da lusofonia, *A mulher do fuzileiro e outras quase histórias* caracteriza-se em sua originalidade a partir da concepção de uma linguagem que remete ao imaginário brasileiro, especificamente ao Rio de Janeiro como cenário de ação da maioria de seus contos. Para além dessa referência, a dicção que se impõe a essas histórias subentende uma ampliação da forma através da qual se efetivam os laços brasileiros com os demais países falantes da língua portuguesa, uma vez que

se confirmam nelas a presença de um estilo pessoal e uma forma de ser que funcionam como ponto alto de uma tessitura narrativa que se sobrepõe como objetivo em seu escopo ficcional. Desse modo, a presente antologia reitera o espaço inerente à narrativa brasileira como referência primordial das formas de pertencimento que se impõem, na medida em que trazem à luz da contemporaneidade a eficácia de um discurso literário de valor inegável que se coaduna aos diferentes dramas da condição humana.

Diante disso, cabe esclarecer sobre o sentido de contemporaneidade que confere à narrativa de Álvaro Marins a condição de poder caminhar por vias próprias, independentemente da carga de informação que se apresenta como índice inerente ao tempo presente. Desse modo, os crimes e desfazimentos que se configuram em alguns dos contos mais expressivos de *A mulher do fuzileiro e outras quase histórias* em nenhum momento se caracterizam como retrato de uma época marcada pelas formas da degradação que se apresentam como exemplos narrativos que transformam a violência em espetáculo. Os contos arrolados prezam pelo cuidado de pisar com segurança um terreno onde a qualquer momento uma mina pode explodir. No entanto, cabe a Álvaro Marins a sabedoria e a habilidade de lidar com os conflitos da narrativa, contornando seus possíveis obstáculos, o que lhe possibilita uma condição essencial aos grandes escritores, ao se colocarem acima de ficção, a partir de um domínio sobre o processo de composição textual que o leva para onde melhor lhe convém.

Assim, *A mulher do fuzileiro e outras quase histórias* parece não surpreender o leitor afeito aos impactos do que hodiernamente se impõe como apelo, em situações de efeito imediato, a partir do esgarçamento de situações que remetem à violência como marca da desigualdade social. Mais que recorrer a esses elementos, esses contos indicam o lugar da narrativa como forma de exercício de observação arguta que envolve tanto a perspicácia do autor quanto a intuição do leitor. Podemos afirmar que a isso se acrescenta um nível de atenção que situa essa coletânea como expressão de originalidade, pelo fato de fugir à regra do que predomina como sintoma da narrativa em sua sede de atualidade. Essa atualidade, por sua vez, não interfere na forma através da qual cada conto desenvolve sua relação com a memória, preocupando-se muito mais com a concepção de um mundo que ainda consegue se apresentar como espaço indispensável aos que nele habitam, em que pese a constatação da degradação que o atinge, sem que se recorra a qualquer forma de reação. Diante disso, Álvaro Marins serve-se

do transcurso contínuo do tempo como matéria prima, adequando-o ao rigor e à sobriedade de uma narrativa que marca de modo singular sua presença.

### **Referência**

MARINS, Álvaro. *A mulher do fuzileiro e outras quase histórias*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2016.